

24 JAN 2003

24 JAN 2003

SENADO

Acordo pela presidência será anunciado hoje parcialmente

Pacto esbarra na oposição interna; só nome de Sarney será anunciado

André Barrocal*
de Brasília

O pacto no PMDB que levará o senador José Sarney (PMDB-AP) a comandar o Congresso deverá ser anunciado hoje, mas a recomposição das forças internas do partido continuará um processo inconcluso. O controle do PMDB está no centro da divergência que impede que se sacramento hoje, na íntegra, um acordo esquadrihado na terça-feira pelo presidente da sigla, Michel Temer (SP).

O acerto prevê que Temer será sucedido na direção do PMDB pelo líder da legenda no Senado, Renan Calheiros (AL). A ascensão de Calheiros ao posto enfrenta, porém, a resistência de expoentes do PMDB rebelde, como o governador do Paraná, Roberto Requião, e Orestes Quérzia, ex-governador paulista. Eles querem que a ala que apoiou o PT na eleição presidencial assuma o poder no PMDB em uma convenção em fevereiro.

Segundo Temer, a oposição ao acordo "é mínima" no PMDB. Ontem, após reunir-se com Calheiros e com o presidente do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), ele avaliou que o acerto estava 80% fechado. Para ele, um obstáculo como Quérzia não atrapalha. "Quérzia é uma questão local. Não creio que interfira na questão nacional", afirmou.

Calheiros defende isolar Orestes Quérzia e todos os opositores do acordo pois, como Temer, considera-os minoritários no partido. "A vontade da maioria deve prevalecer", disse o líder.

Quérzia insiste na realização de uma convenção em fevereiro para colocar a legenda na base de apoio parlamentar do PT e para remover a atual cúpula do PMDB. Ontem, começaram a ser enviados cerca de 2 mil telegramas assinados por Requião e Quérzia chamando peemedebistas para uma reunião no dia 30 que prepararia a convenção de 16 de fevereiro.

Um dia antes da reunião preparatória, Quérzia tem agendada uma audiência com o ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, principal articulador político do Planalto. Tentará convencê-lo de que desa-

lojar os que hoje mandam no PMDB é melhor para o governo. O PMDB vai escolher no dia 31 o candidato da sigla que concorrerá à Presidência do Senado.

Sarney, o único capaz de dar fôlego à ambição dos dissidentes de assumir o poder no PMDB, foi evasivo sobre apoiar a destituição da cúpula. "Acho que interessa a o governo um PMDB unido, que possa sustentar o programa do presidente Luiz Inácio da Silva", declarou o ex-presidente.

No acordo prévio de Sarney e Temer, a convenção de fevereiro não ocorreria.

O PT parece que ficará satisfeita se a pacificação interna do partido significar só a eleição de Sarney para presidir o Congresso, mesmo que o controle da máquina partidária siga com os peemedebistas que se aliaram ao PSDB.

Calheiros disse que o futuro líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP), garantiu-lhe, em conversa telefônica na noite de

quarta-feira, que o PT não estimularia Sarney e seus correligionários a disputar o comando do PMDB em uma convenção. Calheiros seria eleito para dirigir o PMDB com a anuência dos petistas e do Planalto.

O futuro líder do PT no Senado, Tião Viana (AC), também deu a entender que partido acha razoável o acordo desenhado por Temer. Para ele, a sucessão de Temer e a divisão das lideranças do PMDB na Câmara e no Senado é problema interno do partido.

Os dissidentes querem ficar com as duas lideranças. No Senado, ela iria para Pedro Simon (RS) e, na Câmara, para Barbosa Neto (GO). Os dois são ligados aos rebeldes.

No acordo proposto por Temer, Simon só disputaria a liderança depois de Calheiros tornar-se presidente do partido e, na Câmara dos Deputados, a vaga ficaria com Eunício Oliveira (CE).

*Colaborou Clarice Brandão, de São Paulo



Michel Temer